

VOGA

SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA ILUSTRAÇÃO
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg.: LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO
JOÃO DE SOUSA FONSECA
DIRECTORA
ESTELA SANTOS NOBRE
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO: ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.*
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta
TELEF. C. 1084, C. 1606



A ENGRAÇADA ACTRIZ BEATRIZ COSTA, ESTRÊLA DO NOSSO TEATRO DE REVISTA, COM A SUA MASCOTE
ESTE NÚMERO TEM 12 PÁGINAS E FOLHA DE BORDADOS

(Foto Salazar Dinis)

Ayuntamiento de Madrid

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

CARTA DE PARIS CRÓNICA DA SEMANA MODELOS DESENHADOS

Querida sobrinha:

UFF!... QUE ALÍVIO!...

Nós caminhamos apressadamente para a bela estação. As férias da Páscoa decorrem agradavelmente e nós fazemos o seguinte admirável projecto: deixar a Capital, o seu barulho e a sua confusão. Eis neste momento o nosso único objectivo.

No entanto, a vida parisiense está ainda povoada de muitas distrações que é preciso não esquecer, como o concurso hípico, que está em pleno entusiasmo.

As provas sucedem-se na ordem costumada. É um sucesso para os cavaleiros e as suas montadas. O «Grand Palais» está cheio, e enquanto toda a gente segue com interesse crescente a marcha das equipagens, eu esquadro por toda a parte para descobrir novos modelos primavera.

É bem certo que para estas manifestações desportivas, as elegantes querem estar na última moda, por isso os chapéus de palha abundam. Com grande surpresa minha, e também com grande alegria, verifico que o branco e preto dominam, e eis-me contente com o meu agradável «ensemble».

Vou explicar-te a minha escolha, e quero que me mandes dizer se concorda com o meu gosto.

É um vestido de desporto em crêpe da China preto, enfeitado com pregas muito fundas e com uma gravata em crêpe da China branco.

O cinto é em pele de gamo, debruado de branco.

O casaco é muito simples. Em «raska» preto, e é forrado de crêpe da China branco. O chapéu é igualmente em preto e branco.

O que nesta altura toma um grande lugar na moda feminina são os adereços. Há tempo eram complicadíssimos; hoje, embora simplificados, atingem preços fabulosos.

Eu admirei há dias um elegante enxoval e escolhi um «deshabillé» encantador para ti.

É em musselina de seda rosa sobre um fundo com incrustações de rendas de Milão.



Encantadores motivos bordados alternando com pequeninos «bouquets» de rosas Pompadour sobre laços de setim, dão-lhe um aspecto maravilhoso.

Reparei também para ti num simples vestido para um jantar íntimo e muito útil para a presente estação. É em setim preto lindamente «drapé», de lado com um largo pano. Duas lindas flores, aplicadas no ombro, completam-lhe a elegância harmoniosa.

É tarde, minha querida. Despeço-me até breve, enviando-te saudações. Tua tia

NUELMA.

UM NOVO EFEITO DAS TROVOADAS

Os jornais belgas chegados esta semana, noticiam que numa determinada localidade dos arredores de Bruxelas, verificou-se que após uma das mais violentas trovoadas que tem assolado aquele país, algumas mulheres casadas haviam perdido a fala, apresentando também uma completa perda de audição, tendo ficado assim como verdadeiras surdas-mudas!

Logo que este estranho fenómeno foi conhecido por todo o mundo, os Observatórios Meteorológicos tem sido assaltados por uma multidão de maridos desejosos de saber se por ventura será possível provocar artificialmente as grandes trovoadas...

Ah, meu Deus, meu Deus! quem dirá, com eloquência bastante, os inarráveis tormentos que a Moda tem inflingido à metade mais formosa da Humanidade?...

O martirologio das elegantes, das Evas que desejaram parecer bem, chamar a atenção do bicho homem e as invejas da bicha mulher, esse martirologio deveria provocar uma ditadura feroz apoiada nos direitos da natureza, da saúde, do bom senso e da formosura!... Há muito mais dum século que a Moda anda a estragar a mais bela criação de Deus: o corpo humano... E as vítimas dessa loucura da moda tem sido principalmente as mulheres! Sou ainda do tempo das mangas de presunto, invenção horrível de qualquer Poirer que tivesse sociedade num salchicheiro... Lembro-me da moda das botas altas que transformava as mulheres em granadeiros e sacos de coiro!... Mas, recusando um pouco mais, evoco os tormentos espantosos que os ideais românticos infligiam às donzelas, às mães jovens e às damas já em idade de ter juízo... Durante esse tempo esteve em moda a seraficidade: a mulher tinha de ser pádua, quase diáfana, magra e olheirenta... Ter saúde constituía um insulto à beleza: a tosse e o sangue pela boca tornaram-se por seu turno a quintessência da elegância... Venus, surgindo escultural e saudável das espumas do mar, foi destronada pela primeira infeliz cujos pulmões se houvessem transformado em viveiros de bacilos de Koch; morrer cedo, — morrer tísico, sobretudo, — foi o ideal duma caterva de malucos e de malucas que pretendiam apresentar como Beleza a destruição e as ruínas!...

Ser forte, ser saudável, possuir olhos vivos e faiscantes, formas cheias, cor branca ou morena deliciosamente rosada, agilidade, alegria, saúde de corpo e de espírito, tornaram-se então um crime, uma autentica monstruosidade. A estética romântica impunha às mulheres um vulto fragilíssimo, delgado, quase aéreo, de sílide; uma tez lívida e uma cintura de vespa. De 1800 a 1900, a única ambição das mulheres literatas e dos costureiros da moda é tornar o corpo um fuso e as saias um bojo do sino de catedral. E surgem então duas maneiras diabólicas de estragar a beleza feminina: o espartilho e o vinagre. Com medo de que a carne lhes cobrisse bem os ossos, com receio de que o sangue e a saúde lhes dessem faces formosas, bem coloridas de lírios e rosas — aquelas faces aonde, segundo a frase dum poeta antigo, adormecia e repousava o Amor! — as elegantes do Romantismo (e ainda também dos nossos dias), deixaram de comer, passaram fome de três dias, entalaram-se numa couraça de seda e barbas de baleia, passaram a encher a vida de suspiros e de soluços... beberam uma vinagreira completa... E como à ideal seraficidade

do vulto fôsse necessário ajuntar um olhar estranho, tornou-se modelo da elegância a Princesa de Belgiojoso: a daturina, a estramonina, a beladona e outras drogas que dilatam as pupilas e dão ao olhar uma fixidez esquisita, uma profundidade e brilho doentios, entraram nas casas e Deus sabe os estragos que por lá fizeram!... Gavarni, contando a um amigo o rompimento que tivera com a sua amante, declarava não poder aturar por mais tempo a esplendida estupidez daquela: «É sabes quem é que me deu já como sucessor? Um vendedor de electuario, de teriaca, um comerciante de drogas, um farmacêutico!... Agora ao menos já pode beber às canecas a estramonina e a beladona! Tu sabes lá o que ela me massacrava o bicho do ouvido com essas porcarias que fazem os olhos grandes, como ela dizia! Os seus olhos nunca o eram o bastante: ainda que lhe ocupassem a cara toda, ainda os acharia pequenos... Como se fôsse bastante, corpo di Baccho! ter olhos grandes para se ser romântica!... As vacas também tem os olhos grandes, raio! e eu não conheço vacas românticas!»

Vem esta digressão pelas modas do Romantismo a propósito dum caso, estranho e curioso, ultimamente sucedido em Paris e o qual, mostrando bem os horrores dos tormentos a que o espartilho sujeitava as filhas de Eva, nos consola da nossa época, em que semelhante miséria parece ter tocado o seu fim para todo o sempre, amen!... Este ano, no Teatro Marigny, todo o final duma revista ali exibida era consagrado às modas que dominaram até 1900. Foi, portanto, necessário fornecer às actrizes espartilhos como então se usavam, e cada qual tratou de se apertar o mais que ponde. Mas, quando num quadro intitulado *A queda do ministério*, as «girls», coitadinhas, se deitaram por terra, viu-se este caso espantoso: foi-lhes impossível levantarem-se... As couraças de barbas de baleia em que as mães e avós tinham deformado as costelas, conservavam as netas imobilizadas, inertes quase, todo o grupo estava estirado na scena como gafanhotos que alguém houvesse voltado sobre o dorso!...

E quando, erguidas pela mão misericordiosa da comparsaria, tiraram do corpo aquela capa horrível, as actrizes olhavam-se espantadas e perguntavam como demonio é que as avós e as mães tinham podido suportar durante tantos anos aquela miséria da moda que não deixava respirar, fazia latejar as fontes e martirizava o corpo todo...

A nossa época, pelo que respeita às exigências da moda, tem muitos ridiculos, isso tem!... Mas, ao menos, livrou-nos da estupidez inmensurável e deformadora do espartilho!

A Venus de Milo nunca usou essa miséria, leitoras!...

ROSA TIRANA.

RECEITAS DE COZINHA

VITELA MARMÓREA

COSTELETAS FINGIDAS

Tomem-se pesos iguais de vitela, presunto fumado e lombo de porco, 500 gramas por exemplo de cada; piquem-se separadamente e temperem-se os picados de vitela e de lombo de porco com sal fino, pimenta e raspas de noz moscada. Cozam-se também dez ovos, cortem-se em rodas e pique-se uma porção de salsa.

Tomem-se uma pudineira de grês cerâmico, disponha-se no fundo dela uma camada de presunto picado, por cima outra de rodela de ovos, uma terceira de salsa picada, regando tudo com bom molho de assado; por cima destas camadas disponham outras de vitela picada, em que se intermeiam alguns pinhões; uma de rodela de ovos e uma terceira de salsa, regando-se de novo com molho. Por cima desta disponha-se uma camada de lombo de porco, outra de ovos e uma terceira de salsa, voltando a repetir as camadas pela ordem indicada.

As camadas devem ser bastante delgadas para se poderem repetir, e as de salsa delgadíssimas.

Quando a pudineira estiver quase cheia, regue-se a massa com mais molho de assado e leve-se ao forno por duas horas. Passado este tempo tire-se a pudineira do forno, escorra-se o excesso de molho, assente-se sobre uma mesa e ponha-se por cima da massa uma tampa de tábuas grossa e resistente estreitando para baixo, de modo que possa entrar bem na forma e calcar a massa. Sobre a tábua ponha-se um peso de dez quilos e deixe-se assim arrefecer o pudim; passadas 24 horas inverta-se a pudineira, de modo que saia o pudim, que para se servir se corta em fatias, as quais apresentarão naturalmente cores variadas, semelhantes às do mármore.

A pudineira deve ser muito bem untada com manteiga antes de se lhe deitar o picado, e os pinhões devem ser limpos da pellicula que os cobre.

Cortam-se fatias largas e delgadas de vitela e batem-se, como para fazer bifés; temperam-se com sal fino, pimenta e sumo de limão.

Cortam-se também tiras de presunto da largura de dois centímetros que tenham numa das extremidades toucinho sem pele (presunto que tenha estado de molho).

Coloquem-se as tiras de presunto sobre as de vitela, de modo que o toucinho fique saliente e dobre-se a vitela sobre a febra do presunto, fixando-se com pontas de palitos.

Passam-se as peças assim obtidas em ovo batido, polvilham-se com pão ralado, tornam-se a passar no ovo batido e a polvilhar-se e põem-se em seguida a fritar em banha bem quente.

Estas costeletas podem servir-se com polme de batata feito com leite e manteiga.

DÓCE

BEIJINHOS DE FREIRAS

Elementos a empregar: Assucar pilado, 500 gramas; Amendoas doces peladas e pisadas, 400 gramas; gêmas de ovos, 10.

Tomem-se o assucar pilado, dissolva-se e leve-se a ponto alto, juntem-se-lhe as amendoas bem peladas e pisadas e mexa-se a mistura muito bem, deixando-se levantar o ponto até que, arredando a massa com uma escumadeira, se descubra o fundo da vasilha. Tira-se então do lume e vai-se deitando esta mistura em porções pequenas sobre dez gêmas de ovos, previamente batidas, com as quais se vai misturando. Em seguida, deita-se a massa na vasilha que esteve ao lume e põe-se esta de novo sobre fogo brando, até que ao arredar da massa se descubra de novo o fundo da vasilha. Quando chegar a este estado, deitem-se os bocados de massa sobre discos de omeira e levam-se ao forno a secar.

COM a chegada da primavera criou-se a necessidade de novas «toilettes». Postos de parte casacos e peles, preciso é arranjar vestidos claros e alegres, vestidos de primavera que sejam leves e graciosos.

Na nossa página encontra-se uma grande e elegante variedade onde se podem escolher as graciosas «chemisettes» e saias plissadas, os lindos conjuntos com os vestidos e casacos enfeitados da mesma maneira e ainda os vestidos inteiros em crêpe da China, liso ou lavrado.

O n.º 1 é um lindo conjunto em fazenda bege muito claro com barras em dois tons de castanho. A gola e as mangas do casaco são guardadas de astrakan castanho.

O n.º 2 é um elegante «sweater» em lã cinzento claro com barras em bege e azul. A saia, feita nas mesmas cores, é largamente pregueada.

O n.º 3 é um gracioso vestido em fazenda «gris-argent» enfeitado com um largo cinto e botões de pele de gamo.

O n.º 4 é um gentil vestido em crêpe da China verde-água com um colete em crêpe da China branco com botões verdes.

O n.º 5 é um lindo vestido em crêpe da China lilaz, enfeitado com uma tira da mesma seda, recortada e debruada de prateado.

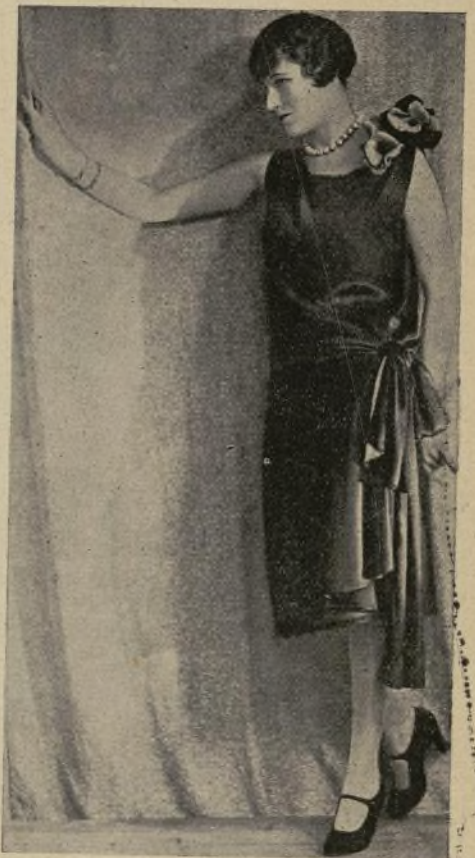
É este um lindo modelo dum *chic* encantador.

O n.º 6 é um vestido em crêpe da China lavrado e liso numa encantadora harmonia. O crêpe lavrado forma o corpo, e o crêpe liso, finamente plissado, forma a saia, tornando assim um conjunto muito gracioso e lindo.

N.º 7 — Vestido de «jersey» de lã «bois de rose» bordado a lã no mesmo tom e azul.

N.º 8 — Vestido em «jersey» de lã azul, bordado a lã em dois tons de azul, diferentes do tom do vestido. A saia tem na parte da frente pregas muito largas e, atrás, é lisa.

N.º 9 — Vestido em crêpe da China azul. O



(Modelo a que se refere a nossa Carta de Paris)

boléro bordado a bege abre-se sobre uma blusa em crêpe da China no mesmo tom.

N.º 10 — Vestido em «jersey» de lã bege com barras em bege, castanho e «bois de rose». Saia pregueada.

N.º 11 — Casaco de meia estação em pano de setim cinzento claro debruado de cinzento muito escuro.

N.º 12 — Vestido de noite bordado a pérolas de cristal. É este vestido dum corte muito distinto e original, e a que uma flor num tom vivo, colocada no ombro, dá uma elegância encantadora.

N.º 13 — Vestido em crêpe da China rosa pálido enfeitado no corpo com nervuras muito finas e saia com plissados miúdos.

N.º 14 — Vestido de desporto em «jersey-kasha» bege enfeitado com nervuras no corpo e pregas na saia. Gola em musselina no mesmo tom do vestido.

N.º 15 — Vestido em crêpe setim preto caprichosamente recortado. Saia com «godets» à frente.

Entre estes 15 modelos, todos tão elegantes e modernos, encontrareis, decerto, leitoras amigas, o modelo que necessitais, tanto para um vestido simples como para «toilette», pois a distinção e a elegância foram longamente procuradas para constituir uma página de agrado certo.

CARMEN.

(Veja modelos desenhados a página 4)



A PROXIMA-SE o tempo calmoso, em que o sol dardejante e violento cresta os rostos gentis das nossas elegantes.

O verão interessa-nos muito especialmente pela estada nas praias, termas, e mesmo no campo. Este último atrai-nos pela frescura constante das suas águas correntes em tanques e noras, a verdura brilhante e viçosa, humedecida pelos orvalhos frescos, as suas flores variegadas e lindas que matizam o tapete relvoso, luxuriante, de manchas policromas. É a natureza, pelo seu encanto tão simples e espontâneo, que nos atrai para um veraneio de meses. Nas praias e nas termas o encanto é outro. Buliçosa e variada é a vida ali. Passeios, bailes, chás e «pic-nics» são a atracção cada vez mais crescente que chama as raparigas modernas, sempre ansiosas de vida festiva e alegre.

A praia, com os seus «flirts» à beira-mar, sobre a areia loira e fina, tem o suave e doce encanto de tornar a conversação amena, um pouco afastada de etiquetas e protocolos. O marulhar soturno das águas azuladas e espumosas que se espalham docemente sobre o areal crestado e soalheiro, é um episódio da praia que entusiasma e dispõe bem as raparigas alegres que procuram a água e dela se afastam num garrular alegre e risadas vibrantes quando o mar, submisso e cariciante, lhes vem beijar os pés calçados de branco, como se fôsse a própria espuma das águas.

Tôdas estas atrações que para as elegantes são absolutamente irresistíveis, ainda estão longe e bem longe.

Porém, o sol, com a sua ardente poalha donada e incandescente, tomba voluntariosamente sobre as leitoras crestando-lhes a brancura láctea ou a pele mate, duma tão suave beleza e graciosidade.

É fácil preservarmo-nos desta parte desagradável que o verão nos traz misturada aos seus divertimentos e distrações. As pequeninas sombrinhas de sedas muito finas e transparentes em musselina, crêpe e «voiles» de seda, que em tons vivos e combinações elegantes e harmoniosas tão lindas sombrinhas se confeccionam, são essa defesa.

Os feitiços são bizzaros e a sua configuração imita a sombrinha chinesa, alacre e direita, que é mais um complemento de «toilette» do que precisamente prática e útil.

As flores, das formas mais caprichosas, e em que as suas corolas tomam os feitiços mais bizzaros, foram os modelos escolhidos por que se guiam os que fazem as criações destes tão lindos ornamentos que encantam a vista e nos furtam á luz estonteante do astro-rei.

Além de flores,—sendo as sombrinhas compostas de pétalas e fôlhas numa combinação de tons ou em variedades de tecidos,—há também o que a fantasia criou em barras, cortes e lavrados. São infinitas estas criações,

AS MODAS EM VOGA

DEM JÁ AÍ O EN-
SOALHADO TEM-
PO DAS TERMAS
:: E PÁIAS ::::

AQUI APRESEN-
TAMOS TREZ
SOMBRINHAS MO-
::: DERNAS ::::



havendo sombrinhas às quais uma verdadeira mistura de muitas cores dá um aspecto garrido e duma bizzaria incalculável.

Três modelos distintos e harmoniosos publicamos hoje, fornecendo assim às nossas leitoras mais novidades sobre a nova moda, que se estende até às sombrinhas, tão policromas e graciosas.

Dos nossos modelos, dois dêles simulam flores. Um, em pétalas de crêpe georgette e rendas, imita uma grande rosa, linda e cheia de viço, que passeará pelas ruas ostentando a graça destas tão belas flores, lindas sempre entre as mais lindas.

A outra é mais simples mas também nitidamente uma flor com as suas pétalas arredondadas e plissadas, tendo no centro o coração da flor, também em musselina, como toda a sombrinha, mas num tom mais escuro. É igualmente um lindo modelo, cheio de subtilidade e doçura, no seu conjunto de tecido impondável.

O terceiro modelo tem uma forma plana e arredondada e é todo feito em musselina de seda, em dois tons, e completamente plissado.

É um lindo modelo duma graça sugestiva e brilhante que terá das elegantes caprichosas das suas «toilettes», não só a aprovação como a preferência.

Este verão, com a linda colecção de sombrinhas que a moda criou para serem executadas, as ruas parecer-nos-hão lindos jardins em flor, onde, sempre viçosas e alegres, as flores se espalharão com graça e harmonia.

Modernamente, as cores vivas tanto nas «toilettes» como chapéus e sombrinhas, dão aos olhos um espectáculo alegre de cor, de alegria e de bulício.

O verão, aproximando-se, traz-nos os dias lindos misturados á alacridade de cores e á alegria que nos inunda de felicidade com os seus jorros de luz e a sua sã alegria.

MADEMOISELLE X.

VISADO PELA COMISSÃO

DE CENSURA

SORRINDO

A SAÍDA DO TUNEL...

O Toninho nunca tinha andado de combóio e o deslizar rápido da paisagem provocava-lhe um entusiasmo extraordinário.

De repente o combóio entrou num tunel e o Toninho mais admirado que temeroso fechou os olhos disposto a fazer o-ô... Logo em seguida, sempre a toda a velocidade o combóio saiu do tunel e Toninho radiante gritou:

— Ena!!! Já é manhã.





Casaco esaiá em lã bege, blusa em crepe da China creme com barras verdes e amarelos. Creação Beer. Foto Manuel Frères.



Vestido de noite em faille branco e renda 'cirée' preta. Creação Jean Magnin. Foto Manuel Frères.



Vestido em crepe da China vermelho e preto com incrustações em crepe branco. Creação Jean Magnin. Foto Manuel Frères.



Chapéu em Jersey azul claro enfeitado com uma flor de tafelá. Creação Agnès. Foto Manuel Frères.



Vestido em crepe da China cor de mel com bordados bege, castanho e ouro. Creação Premel. Foto Scaioni.



Vestido de noite em crepe 'georgette' rosa e lã bordado a 'strass'. Creação Lucien Lelong. Foto Scaioni.



Vestido em 'crepilla' cinzento com dois tons incrustados. Creação Jean Magnin. Foto Manuel Frères.



Vestido em crepe da China preto, plissado e seda lavrada em preto e laranja. Creação Jean Magnin. Foto Manuel Frères.



Vestido em crepe da China verde claro sobre selim preto. Creação Brialix. Foto Manuel Frères.



Chapéu em feltro vermelho e motivo de fantasia preto. Foto Manuel Frères.



Vestido em crepe da China vermelho claro com incrustações em vermelho escuro. Foto Manuel Frères.



Vestido em 'reps' azul marinho e vários tons de azul e branco. Creação Jean Magnin. Foto Manuel Frères.



Vestido em tafelá verde com incrustações sobre lã. Creação Billioque. Foto Manuel Frères.



Chapéu em palha preto enfeitado com flores de seda rosa. Creação Le Monnier. Foto Manuel Frères.



Vestido em crepe da China branco com bordados multi-cor. Creação Jenny Billioque. Foto Manuel Frères.



Chapéu em feltro preto e branco. Creação Cora Marson. Foto Manuel Frères.



Vestido em crepe da China com riscas azuis e brancas. Creação Billioque. Foto Manuel Frères.

O LISBOETA E A ZARZUELA

O lisboeta adora a zarzuela?... Certamente. Até à loucura.

Desde quando veem a Portugal companhias espanholas de zarzuela?... Sabe-se lá! Perde-se na noite dos tempos...

Quem escreve estas linhas recorda-se ainda do «Certamen Nacional» no velho Coliseu da Rua Nova da Palma, há uns bons trinta anos. Cantava-se então, pelas ruas, o «Café de Puerto Rico» com a mesma fúria com que mais tarde se tranteava a «Alma de Diós». Andava então na berra a «Verbena de la Paloma». Que saudades!

Depois, as Companhias de Zarzuela passaram a abrigar-se no Coliseu dos Recreios. Mas sempre companhias de segunda ordem. E o repertório?...

Zarzuela chica. As nunca por demais estafadas «Gran Via», «Verbena», «Aguia, Azucarillos y Aguardientes», «La Marcha de Cadix»... Grandes éxitos: «Campanone», «Marina» (estas, zarzuelas de tomo) e «Gigantes y Cabezones».

Mais tarde, a zarzuela ganhou fóros de divertimento elegante, aonde se ia de casaca, as senhoras em rasgado decote. E apesar da severidade do traje, soavam a espaços pela plateia uns *olé!*, uns *bravos*, por demais exuberantes. Foi no D. Amélia. No palco, Amparo Taberner e Pilar Marti endoidavam o melancólico lisboeta com os seus *mantones*, com as suas *peinetas* maravilhosas.

Há uma vintena de anos, o Visconde São Luís de Braga ia a Madrid escolher, em pessoa, os artistas para as suas Companhias do D. Amélia. Tinha vindo a Lisboa, pouco antes, o empresário Ortiz. Esta foi, na verdade, a primeira Companhia espanhola que trabalhou no aristocrático teatro do Tesouro Velho. Um dinheirão!

O Visconde, deslumbrado com o êxito, vai a Madrid e escolhe os elementos. Traz a Lisboa Julio Nadal, que obtem um sucesso louco.

Recordemos «El Baile de Luís Alonso», «Cuadros Dissolventes», «El Cabo Primero», «El pobre Valbuena»... Dêsse tempo, dêsse artistas, só voltaram a Lisboa Pilar Marti, há três anos, com a Velasco, mas já velha e cansada, e Ernesto Lorente, um galã cómico cheio de vida, endiabrado, infatigável, o *eufout-gaté* do público. Lorente triunfa na «Gatita Blanca», o maior sucesso da época.

Ernesto Lorente está em Lisboa integrado na Companhia Internacional contractada para a presente época do Foz pelo empresário Artur Emaús, o único empresário que depois de São Luís de Braga tem trazido a Lisboa Companhias de zarzuela de primeira ordem.

Lorente fala-nos num intervalo, ao terminar o seu interessantíssimo trabalho no quadro «Colmao Sevillano». E conta-nos, saudoso, as suas recordações...

— Ganhava cinquenta pesetas diárias, o que



não obstou a que tivesse de empenhar a capa para regressar a Espanha!

Uma das cláusulas do contracto de São Luís de Braga era o uso obrigatório, nas ruas, da capa à espanhola e do chapéu à Mazzantini. Dizia êle que era o melhor réclamo à Companhia.

Os artistas, como ninguém andasse assim pelas ruas, nem mesmo em Madrid, vexavam-se e esquivavam-se o mais possível.

O Visconde não andava satisfeito. Um dia, no Jardim de Inverno, acabado o ensaio, chamou à ordem um dos actores, que por sinal era muito pequeno de estatura:

— Porque não traz o senhor a sua capa e o seu chapéu à Mazzantini, como é obrigado pelo contracto?...

— Porque soy muy chico... y con un sombrero así tan largo, voy a parecer una mesa...

Que saudades tem Lorente dêsse tempo?

— Começava em teatro? — perguntamos-lhe.

— Como meus pais eram artistas, eu nasci no

CARTAS SEM DESTINO A ALMA DA MÚSICA

Minha querida amiga:

Cá estou novamente a aborrecer-te com as minhas caturrices. Mas que queres tu? Não sei confessar a outra pessoa as minhas impressões íntimas. Parece que tu, querida Eugénia, nasceste com uma missão única a cumprir: escutar as minhas confissões. Digo-te, a ti, o que não ousaria dizer à minha própria mãe. Com ela não me atrevo a ser tão sincera como o sou contigo. Parece que não me compreenderia e me julgaria louca quando eu lhe dissesse uma daquelas vulgaridades que escutas com tanta atenção.

Ontem fui a casa da Margarida, aquela rapariga loura e branca, quasi diafana, que te apresentei uma vez em Cascais, durante um *match* internacional de tennis. Lembra-te? Já decorreram alguns anos sobre essa apresentação e é natural que a tua memória não retivesse

uma bondade infinita e verifiquei que havia na minha alma uma extraordinária propensão para o Bem.

Estou agora convencida, minha boa Eugénia, de que a musica pode fazer de um coarde um herói, e um santo de um sclerado. A musica purifica os sentimentos.

Enquanto as mãos ágeis de Margarida percorriam velozes e suaves as teclas do piano, o meu pensamento alado, como uma ave branca, ergueu-se muito alto e andou pousando nos lugares mais belos do país da fantasia, mas daquela fantasia branda, daquela fantasia onde só reina a pureza de alma e o instinto da beleza.

As paisagens que, em pensamento, divisei nunca as encontrarei neste mundo mesquinho e vão. Era uma luz meiga de luar que beijava levemente as coisas estáticas. Havia claridades de neve e sombras misteriosas ante meus olhos.



bem nítida a sua imagem. É uma donzela de olhos claros, ingénuos, transparentes, onde não perpassa nunca a menor sombra de maldade. Na ocasião em que t'a apresentei andava ela a estudar piano com grande entusiasmo. A musica era, e creio que é ainda, a sua única paixão. Parece-me que por enquanto não tem namoro. Os rapazes passam por ela sem atentar na sua beleza discreta, toda feita da branda luz que mal scintila no seu olhar doce, nas suas faces brancas, nos seus lábios correctos, e no seu nariz aquilino como o das estátuas grégas. É franzina de corpo, embora elegante, mas pequenina, como uma estatueta graciosa que apetece colocar sobre aquêles grandes pianos negros que querem engulir-lá, ferozes, pela bocarra enorme onde alvejam os dentes de marfim.

Pois, a Margarida convidou-me, quasi em segredo, a ir a sua casa. Julguei que ela tivesse alguma confidencia muito íntima a fazer-me. Seria natural: uma rapariga nova...

Uma vez em sua casa, conduziu-me a um salão onde um piano enorme, de cauda, repousa na penumbra. Obrigou-me a sentar-me num *maple* e, sem mais explicações, abriu o piano, cujo teclado luziu na sombra como a dentadura imensa de um animal antediluviano, e pôs-se a tocar.

Como sabes, sou fraca em musica, e não conheci que partitura executou. O que sei, querida Eugénia, é que nunca o meu espirito foi tão subtil e vibrátil na compreensão da musica. As notas sonoras na penumbra da sala tinham uma acuidade estranha. Penetravam-me, traziam-me uma alma nova, uma sensibilidade requintada que me transformava, a ponto de sentir-me outra. Vivía em mim uma sensibilidade diferente da habitual. Palpitava em mim

teatro, e não consigo saber quando comecei a representar.

Ernesto Lorente é filho do maestro José Lorente, regente das Companhias de Opera que Antonio Santos contractava para o Coliseu, e da «triple» Concepcion Llorens, a criadora de «Monaguillo», valencianos como êle.

— E dos seus trabalhos... Que papeis lhe interessam particularmente?

— Todos! — responde-nos o grande artista. Não tenho predilecções. Gosto de representar. Vivo no teatro, do teatro e para o teatro.

— Queremos que Lorente nos diga das suas recordações...

— Os tempos são outros. Um artista hoje, com a crise mundial que se atravessa, acabará por plantar batatas, se quizer viver. Como não

ter saudades dêsse tempo em que a vida corria ligeira e em que se gastava com alegria tudo o que se ganhava, e que não era pouco! Hoje, há que se poupar, quando se pode... Direi que o público dêsse tempos era mais alegre, mais ruidoso, mais expansivo. Noites inolvidáveis, as do D. Amélia! Fui muito popular e hoje, como então, sou devedor de grande e imerecido carinho. Conquistei muitas amizades. Mas os meus amigos, uns morreram e outros já me não reconhecem. O tempo... o tempo!

— Nadal veio anos seguidos a Lisboa. Grandes triunfos, sempre. Mas ao acabar a temporada, só regressava a Madrid uma escassa metade da Companhia. A outra metade ficava em Lisboa. Corações conquistados... Bailarinas e actores...

PROFISSIONAIS DE TEATRO

AUMENTA de dia para dia o entusiasmo por esta festa, a mais interessante solenidade que se tem realizado entre a gente de Teatro.

Augusto Pina, o gentleman artista, tem dentro da Comissão, as prerogativas de chefe do Protocolo, e, na realidade, tem-se desempenhado admiravelmente da difficilissima missão. Tem-se conjugado tôdas as energias para abater os desalentos — tão próprios da nossa índole — e para aquecer os ânimos, a fim de que a representação illustre à festa da confraternização dos maiores de 21 anos de exercício profissional em Teatro, seja um facto admirável.

Adelina Abranches, Lucília Simões, Palmira Bastos, Maria Pia de Almeida e Augusta Cordeiro, nomes ilustres do Teatro Português, aderiram resolutamente. O banquete celebra-se a 24 do corrente. Lá estarão: Alfredo Santos, António Pinheiro, Carlos Santos, Carlos de Oliveira, Alexandre de Azevedo e Luís Pinto, da pleiade illustre dos grandes mestres Rosás e Brazão; Alegrim, discípulo dilecto do grande Vale; Gomes, do Trindade; Amarante, Nascimento Fernandes, Augusto Conde, Carlos Leal, o eminente professor Augusto de Melo, que é uma reliquia; Ribeiro Lopes, Palmira Tôres, Emília de Oliveira, Amélia Pereira, Tereza Taveira e Maria Santos; Luís Leitão, João Lopes, Mendonça de Carvalho e sua esposa, a actriz Maria Matos; Tomás Vieira, Henrique de Oliveira, Luís Salvador, Esculápio, Alvaro de Almeida, Alvaro Barradas, Alberto Ghira, Carlos Dubini, O. Barris, Augusto Soares, José Moreira, Sacramento, Joaquim Prata e muitos outros.

Podemos assegurar que os dias da exposição, por serem unicamente três, não vão chegar para o interesse público, assim como a noite de 24, em que se realiza o banquete, será uma data gloriosa para a História do Teatro Português.

Nunca os nossos artistas tiveram melhor ensejo de exteriorizar a camaradagem que os une, desfazendo e errôneo e velho conceito de que não há sinceridade nas suas amizades.

CONSTANÇA NAVARRO

QUEM acompanhou as suas interpretações na Companhia de Rey Colaço e Robles Monteiro, constatou a evolução segura e certa de uma artista. Dentro em pouco, Constança Navarro deixou de ser a «radiosa promessa», para se converter numa afirmação de belas qualidades, guiadas a poder de estudo e de perse-

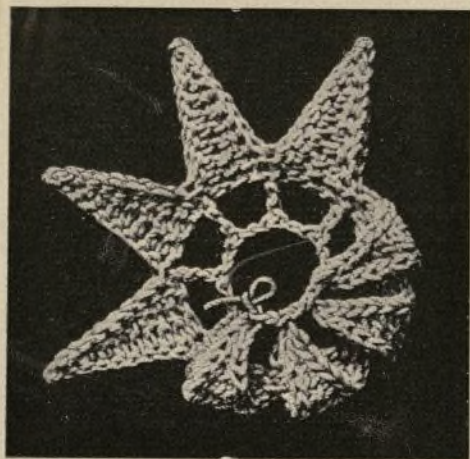


verança. Depois, Constança Navarro fez a «Mulher Fatal», de Birabeau, ali no Avenida... Um grande papel realizado de principio ao fim. Agora Constança Navarro triunfa na Companhia Palmira Bastos-Alexandre de Azevedo, vestindo a sua arte, que a tem e muito sua, com a elegância das suas *toilettes*, com a gentileza da sua mocidade.

PARA FAZER DESAPARECER AS RUGOSIDADES DA PELE

BASTA friccionar as partes rugosas com algumas gotas de uma mistura de cinco decigramas de tanino, cem de água de rosas e vinte de glicerina neutra.

Uma outra receita, também bastante eficaz, consiste numa mistura de duzentas grammas de óleo de amêndoas doces, dez de glicerina neutra e cinco de benjoim.



BORDADOS E RENDAS

“CROCHET” DE ARTE

parte e que, depois de pronta, se cose ao fundo.

A grinalda é toda feita em separado; executam-se as folhas e o tronco também em separado, unindo-se depois de tudo executado. As flores pregam-se directamente ao fundo.

Este entremeio é duma graciosidade que agrada à primeira vista, tanto pela sua beleza subtil e requintada como pelo seu recôrte inédito e cheio de elegância, suave e artística.

O segundo modelo é também duma graça inédita e original. As flores que formam o motivo decorativo são colocadas numa espécie de quadro que é formado pelo fundo.

muito original e gracioso. Para a sua confecção fazem-se primeiramente as pequeninas rosetas do meio e depois as tiras que as ligam umas às outras, cruzando-se. Depois da parte central completamente feita, faz-se a orela que se liga ao motivo central pelas «barrettes», tão conhecidas no *crochet*. Este entremeio é mais uma das maravilhas do *crochet* moderno.

É hoje moda, mesmo aquela que tem mais preferências, juntar-se num mesmo trabalho bordados e rendas diferentes, aplicações em *filet*, tule ou renda de bilros, tudo numa mistura sábiamente feita com arte e ponderação.

Por isso estes entremeios podem ser empre-

realmente arte o cunho de beleza e requinte que estas rendas adquiriram.

As grossas e pesadas rendas que antigamente se faziam, sendo difícil a sua aplicação, pois o *crochet* pelo seu aspecto grosseiro pouca utilidade tinha, transformaram-se hoje em lindos modelos que o modernismo favoreceu e trouxe para o número dos trabalhos femininos elegantes e graciosos.

Uma das maneiras mais caracteristicamente moderna e curiosa é a que damos nos dois modelos aqui publicados. É o *chochet* imitando *filet* com a sua rede subtil onde se aplicam lindos motivos em relevo.

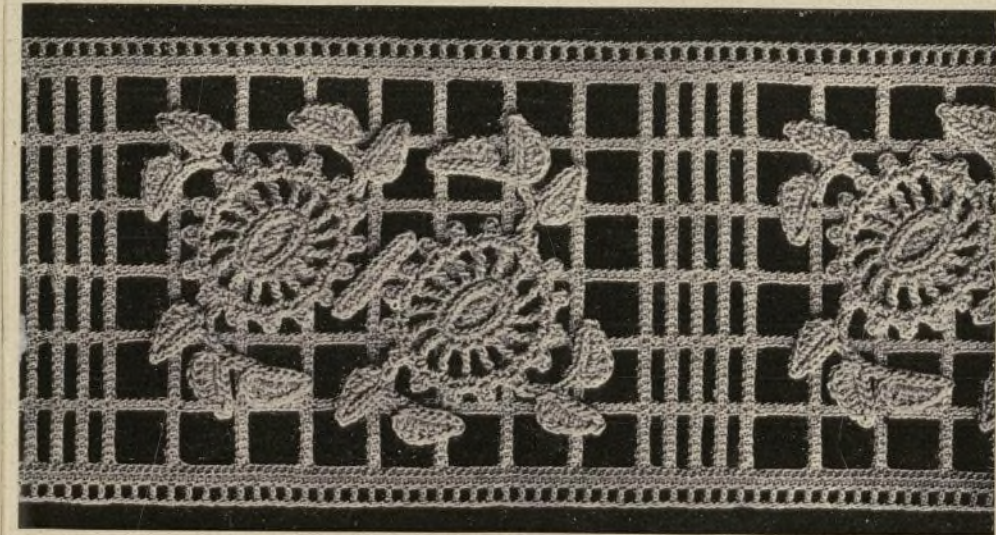
Também é uso, desde que se prefira não fazer a rede de *crochet*, aplicar os motivos sobre *filet*, ficando assim uma encantadora combinação de elementos variados mas que se harmonizam artisticamente.

De novo estão na moda as rendas de *crochet*. Elas enfeitam lindas toalhas de chá finamente bordadas, «store», «napperons», etc. Fazem-se mesmo lindos jogos de casa de jantar, compondo-se de tapete para mesa, «chemin de table», «napperons», «store», «brise-bise», etc., tudo feito em *crochet* no género dos nossos dois modelos com o fundo feito numa larga rede e os motivos em relevo dispersos por todo o fundo, instantes e saltados.

Sendo todos estes trabalhos inteiramente em *crochet*, torna-se necessário forrá-los completamente com um tecido muito fino, branco ou de cor, se se desejar dar à sala de jantar um aspecto alegre e festivo.

Quaisquer motivos susceptíveis de ser aplicados sobre a rede podem-se aproveitar e assim compôr um lindo jogo todo certo e uniforme que muita distinção dará àquêle indispensável compartimento.

Tornou-se elegante e necessário o *crochet*, pois é um trabalho que apresenta muitas fa-



cilidades de confecção, e que ligeiramente se executa. Todas as senhoras procuram hoje lindos modelos de *crochet*, tentando assim suprimir a despesa da compra de uma renda ou entremeio, ou a dificuldade do modelo, ou ainda a execução duma renda bem mais difícil e de menor efeito.

É às leitoras que apreciam as rendas de *crochet* que dedicamos esta página, o que sucessivamente temos feito, procurando agradar a todas as nossas leitoras e à sua preferência.

Para se executar o entremeio que tem uma grinalda de folhas e flores começa-se por fazer a rede do fundo, que se faz obliquamente, para que os quadros em aberto fiquem em losangos depois do entremeio executado.

Depois da rede feita fazem-se as orelas que, como a gravura mostra, são bem simples. Fica assim o entremeio pronto para receber a grinalda de folhas e flores que se fazem à

A rede é formada pelos quadrados em aberto tão conhecidos no *crochet*. Depois de se fazer as oito ordens de quadrados fazem-se as quatro filas mudando-se os quadrados em estreitos rectângulos e formando assim o intervalo entre quadro e quadro, onde são aplicadas as flores. Estas flores e folhas são bem simples, e a

gados juntamente com bordado «Richelieu» ou inglês, e com aplicações várias.

Para se conseguir que a mistura de elementos não quebre a elegância do conjunto, é preciso que esse conjunto seja muito bem escolhido e não se misture tudo impensadamente.

Juntamente com estes dois modelos publicamos as flores do entremeio que primeiro foi descrito, as quais, visto parecerem difíceis, procuramos facilitar assim na sua execução.

BERENICE.

O CHOCOLATE CONTRA OS CABELOS CURTOS

É bem conhecido o provérbio: — muitas vezes a alegria dumas pessoas é feita à custa da desgraça de outras.

Os confeitores e os cabeleiros de Londres acabam de constatar a verdade d'esse provérbio; os primeiros, estão tão desolados quão contentes se encontram estes últimos.

Ao passo que os primeiros estão sendo vítimas da moda dos cabelos curtos, os outros veem aumentar as suas receitas duma maneira sensível.

É que essa moda tornou-se muito dispendiosa, obrigando as inglesas, devido à carestia da vida, a restringir as suas despesas. Antigamente, o dinheiro chegava-lhes para acudir às exigências da moda e da gulotonaria, mas hoje, absteem-se de comprar chocolates e bonbons finos.

Em face da catástrofe que os ameaça, os confeitores de Londres, a fim de cortarem o mal pela raiz, acabam de formular, duma maneira solene e perentória, a abolição da moda dos cabelos curtos.



A PROPÓSITO DE LIVROS

CONTRA A TUBERCULOSE, PELO DR. CARDOSO DE OLIVEIRA. — AUTO DAS QUATRO ESTAÇÕES, POEMA POR ANTONIO CORREIA DE OLIVEIRA.

TUDO quanto em abono desta brochurinha se possa dizer ainda será pouco. O sr. dr. Cardoso do Carmo, com o seu livro *Contra a tuberculose*, prestou um serviço à causa do revigoramento da raça portuguesa e nunca será por demais elogiar empreendimentos literários desta natureza. Portugal, por motivos muito diversos, é uma das nações mais tuberculizadas da Europa, e o bacilo de Koch faz entre a nossa mocidade estragos horribes. Todos os lares tem de estar precavidos contra uma doença que, em geral, não perdôa e arrasta para a morte, lenta mas segura, milhares e milhares de criaturas portuguesas. O combate à tuberculose teve em tempos entre nós um desenvolvimento bastante notável, e nunca nos cançaremos de render homenagem a certo e bondosíssimo coração de mulher que tanto e tanto se dedicou a esse combate: a Senhora Dona Amélia de Orléans e Bragança, a cujo esforço, tenaz e dedicadíssimo, se devem serviços de assistência e de dispensário verdadeiramente créditos da gratidão de todos os portugueses... Mas, a luta contra a horrível e devastadora doença, enfraqueceu há uns tempos a esta parte e, às causas que fartamente concorriam já para a progressiva tuberculização de Portugal, outras vieram juntar-se, — como, por exemplo, os desportos sem método nem base segura! — e as quais, mercê da negligência de quem para isto deveria olhar, ameaçam tornar o nosso país um cemitério de mocidades... Bem haja, pois, o sr. dr. Cardoso do Carmo pela sua inteligente, bondosa e patriótica brochura: achamos que todos os chefes e mães de família a deveriam ler e aqui afoitamente lha recomendamos. É uma obra de alta benemerência essa publicação, tão sincera, tão prática e despidida de atavismos.

Bem haja, pois. É que as nossas leitoras a adquiram é o nosso desejo. Maior elogio não poderemos fazer ao livrinho em referência.

António Correia de Oliveira publicou agora, em 2.^a edição refundida, o seu *Auto das Quatro Estações*, lição definitiva. Não cabe, nos estreitos limites desta resenha, o fazer a crítica a esse poema, crítica de resto unanime e de há muito feita. Seja-nos, porém, licito frisar o encanto que as suas páginas de portuguesesismos versos nos proporcionaram. António Correia de Oliveira, eternamente enamorado da sua e nossa terra é daqueles raros poetas que, sem malabarismos de técnica ou de psicologia, sabem falar às almas e comovê-las. As suas obras põem-nos de bem com a vida e são um cântico perene de amor e de esperança: anda nêles presa e vibrando sempre, a sensibilidade dum coração português livre de estrangeirismos de qualquer espécie... Este seu poema, *Auto das Quatro Estações*, é um livro de amor, de suavíssimo e encantado amor. É possível que certa gente, acostumada a sensações fortes, ache demasiado optimista a maneira como este grande poeta encara a vida e as almas das personagens que falam e vivem nos seus versos. Nós achamo-las simplesmente portuguesas. A nossa gente possui uma alma inteiramente áparte, uma feição lírica, um modo de sentir que não tem parecidos lá fóra e os quais são nossos, inteiramente nossos, porque Deus no-los deu... Vivem sobretudo essas características inconfundíveis naquelas camadas que uma pseudo civilização para cá importou desnacionalizando-nos... O nosso povo — um pouco em as grandes cidades e quasi sempre na provincia — é assim como António Correia de Oliveira no-lo apresenta e descontado um tanto, muito pouco, do lirismo do grande poeta.

Lêr, o *Auto das Quatro Estações* será, pois, sentirmo-nos portugueses. A sua leitura comove e torna melhor a nossa alma, escaldada por literaturas de vergonha e de perdição. É um delicioso poema de amor que todos deverão relêr muitas vezes e guardar preciosamente como obra que só pode encantar o nosso espirito e tornar melhores as nossas almas!

F. M.

GOSTARIEIS

DE CASAR COM LINDBERG?

LINDBERG, o aviador americano, universalmente celebrado pela sua arrojada e feliz travessia do Atlântico, manifestou o desejo de se retirar à vida privada, a fim de evitar os inúmeros inconvenientes da grande popularidade de que usufrui.

Ultimamente, numa escola do Estado de Columbia, fez-se um inquérito a 130 alunas, subordinado a esta bizarra pergunta:

Gostarieis de casar com Lindberg?

Apenas 29 raparigas responderam afirmativamente! 63 declararam que já tinham noivos — noivos que de nenhum modo trocariam por Lindberg; 17 recusaram, alegando a excessiva popularidade do heroico aviador, 6 alegaram que não desejavam ficar viúvas, muito cedo...

As três restantes afirmaram que não lhes agradava o casamento com um homem tão célebre — tão célebre que elas nunca conseguiriam, a seu lado, tornar-se notáveis.

PARA ALÉM DA MORTE

Ayuntamiento de Madrid

N.º 435 — *Crisântemo* — Lisboa — Decisão, energia impulsiva cortada por crises de estranho desânimo cuja explicação tornar-se-hia demasiado longa e... também enfadonha.

É um grafismo denunciador de uma natureza extremamente minuciosa em determinadas atitudes, mas também exagerada e falha de equilíbrio em algumas outras exterioridades, procurando em vão conhecer-se através da sua vontade, sem dúvida forte, mas facilmente dominada por quem, conhecendo-lhe o ponto fraco do seu espírito, saiba incensar-lhe os dotes físicos e morais.

N.º 436 — *Ziul* — Lisboa — Actividade mental, sabendo pesar bem o que diz e também o que ouve. Há gestos no seu grafismo que são um poema de lógica e «savoir vivre»... Depois, dir-se-hia também que ultimamente, nestes tempos que vão correndo, nem sempre tem sabido manter essa sua ciência de afabilidade, à altura dos seus antigos créditos, porque estou pronta a apostar que no dia em que me escreveu havia-se irritado sobremaneira e até por uma insignificância...

Mas como é cerebralmente poderoso, inteligente e confiado nos seus valores, essas crises de falta de domínio sobre os seus próprios nervos são simplesmente passageiras e após o ataque, a sua atitude volta sempre a ser mais digna e correcta que anteriormente.

N.º 437 — *Lilás Roxo* — Coimbra — Afectividade, idealismo, fé, decisão somente prejudicada pela sua extrema afectividade e demasiada doçura.

Como defeito poderei talvez revelar-lhe a presença de certos traços denunciadores de

AS SENHORAS DAS AVENIDAS NOVAS prefiram, para corte de cabelo, o gabinete do **SALÃO ARTE NOVA**, AVENIDA MIGUEL BOMBARDA, 72, onde serão atendidas por um artista especializado.

uma determinada falta de economia material embora todos os característicos morais surjam perfeitamente equilibrados.

N.º 438 — *Uma feia e má de Lisboa* — Bondade natural, simples e não tão feia como à primeira vista pretende convencer-me por intermédio do seu pseudónimo.

Todas as suas qualidades morais são boas, inclusive uma verdadeira tendência para equilibrar todas as suas faculdades num sentido de economia geral evidente e certo.

É bem uma verdadeira portuguesa, incapaz de movimentados exercícios, doce e sentimental procurando viver bem com a sua consciência e com todos.

N.º 439 — *Analfabeta* — Capinha — Também não creio que assim seja! Todos os traços de este documento embora não definam a ciência de uma Madame Curie, revelam contudo uma mentalidade bem organizada e dotada de uma grande facilidade de assimilação que se traduz facilmente na sua vida prática.

Como defeito direi somente que é pena que não consiga evitar uma atracção para a maledicência sem que todavia jamais faça o mal de seja quem for.

N.º 440 — *Intolerante* — Alentejo — Sensibilidade moral susceptível e agitada, sob o peso de um cansaço físico e moral que forçosamente implica com o seu humor nem sempre agradável.

Todos os traços indicam fidelidade de compromissos, força de vontade, bondade relativa sem todavia se deixar prejudicar ante qualquer aspecto deste sentimento.

Verifico igualmente que possui a noção exacta dos valores reais que o rodeiam sabendo aproveitar as oportunidades para obter sempre um bom resultado dos seus esforços.

N.º 441 — *Branca B. B.* — Toda a decisão e energia das suas resoluções, manifesta-se com

GRAFOLOGIA

a maior evidência em todos os traços da carta de V. Ex.ª.

Sabe concentrar a sua vontade num único fim em vista sem que nunca, a despeito dos maiores obstáculos, deixe de exercer todos os seus esforços para conseguir o que deseja.

Um dos característicos mais evidentes é também a sua afectividade, sincera, discreta e fervorosa.

Como defeitos não vejo qualquer digno de menção... talvez uma leve desconfiança em crer no que por vezes lhe prometem, o que aliás constitui mais uma qualidade do que um defeito nos tempos que vão correndo.

N.º 442 — *António Júlio* — Actividade mental revelando-se em todas as suas atitudes e gestos.

Simple e conciso, todas as suas faculdades estão equilibradas perante as circunstâncias por vezes adversas da sua posição.

Há movimentos no seu grafismo que definem claramente o seu espírito agitado por crises de energia audaciosa seguidas de períodos de repouso prudente e calmo.

Observador por natureza, verifico que é dotado de uma visão mental extremamente nítida somente prejudicada por uma determinada tendência em exagerar as consequências em virtude da sua imaginação exaltada e sempre activa.

N.º 443 — *José Vareiro* — Uma grande impressionabilidade agitada e irrequieta, sempre prestes a manifestar-se impetuosa e violenta em acessos de entusiasmo empolgante e ataques de melancolia morbida e sentimental.

Aprecio extremamente os grafismos como o seu, que deixam ver todas as manifestações psicológicas do seu personalismo através de uma transparente máscara de dissimulação desnecessária...

Para além de todo esse vigor físico e mental, estão os característicos bem meridionais da sua alma toda portuguesa e repentina que hoje ama o que amanhã odeia, condenando agora o que no futuro aprova!

N.º 444 — *Dorothy Vernon* — Limitar-me-hei a responder às suas perguntas.

Bondade simples e crédula. Não é má mas... ha quem perdoe mais facilmente.

Todo o seu espírito se manifesta desejoso de aperfeiçoamento e consequentemente tende a manifestar uma melhoria apreciável sobre todos os seus defeitos conscientes.

Toda a sua inexplicável tristeza constitui

desaparecerão para dar lugar a um tempo melhor. É que o característico mais evidente do seu grafismo é sem dúvida o sentimento da Esperança.

N.º 446 — *Meu querido marido* — Actividade, decisão e movimento.

Um grande sentimento de afectividade passional e sincera a manifestar-se em todos os seus traços.

Sentimento de economia prejudicado contudo por uma agitação mental que nem sempre permite realizar os seus planos.

Bondade decidida, audaz e fervorosa, sabendo conservar-se sempre fiel a todos os seus compromissos profissionais e emotivos.

N.º 447 — *Santa Cruz* — Dáfundo. — Idealismo, concentrando a sua dor moral e as suas alegrias discretamente numa reserva e cuidado extraordinários.

É um grafismo revelador de uma natureza

Lave, ondule e
corte o seu
cabelo
na

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA
LISBOA
AVENIDA, 35

dotada de faculdades superiores mas que um sentimentalismo indeciso e inexplicável prejudica em extremo.

Bondosa e prudente, só noto nos seus traços um único defeito: a altivez com que às vezes procura impôr a sua vontade forte e inabalável.

N.º 448 — *Translagano*. — Hábitos de leitura, compreendendo o que lê e assimilando com grande facilidade todos os assuntos por mais difíceis que eles sejam.

Apresentação cuidada, rígida, sabendo revelar a sua vontade de forma a obter quasi sempre sem luta o fim em vista.

Como defeito poderei indicar-lhe uma parcela de vaidade pessoal mal emoldurada por um leve sentimento de «poseur».

N.º 449 — *N. Zinita* — Vontade subordinada a um grande desejo de aperfeiçoamento pessoal, procurando sempre cautelosamente valorizar os seus dotes de maneira a poder tornar-se atraente e bemquista.

Para além dos seus traços está uma grande impressionabilidade agitada e sincera.

Permita-me que eu lhe aconselhe uma maior domínio sobre os seus nervos de maneira a evitar essas crises de abatimento e também de cólera inexplicável que por vezes a invadem.



uma das mais evidentes características desse fenómeno psicológico, bem visível na aparência de algumas latinas e que os peritos psiquiatras classificam com o nome de «ataxia moral».

Caracteriza-se pela mobilidade de sentimentos. De um dia, de uma hora, de um minuto para o outro, passam com incrível rapidez da alegria à tristeza, do riso ao choro! Pelos mais fúteis motivos, exalta-se-lhes a sensibilidade ao passo que mal sentem as maiores sensações. Ficam quasi impassíveis, indiferentes ante o anúncio de uma grande desgraça e derramam abundantes lágrimas, entregando-se ao mais profundo desespero por uma simples palavra mal interpretada, fazendo de uma simples brincadeira uma verdadeira ofensa.

A portuguesa... a alma da mulher portuguesa... nem Sócrates seria capaz de a sintetizar!

N.º 445 — *Eu quero. Hei-de vencer*. — Impressionabilidade agitada sabendo contudo regular todas as suas atitudes de maneira a valorizar-se em relação ao meio e convivência.

O vigor e energia do seu físico e do seu moral, manifestam-se não só nos seus traços como na sua maneira de dizer e até... no seu pseudónimo.

De uma maneira geral o seu espírito parece estar dominado por uma preocupação dolorosa, provocando-lhe ora crises de ira violenta, ora ataques de melancolia nostálgica e sentimental. Dir-se-ia que se sente provisoriamente infeliz, certa de que as más horas presentes em breve

O MAIOR INIMIGO DAS RUGAS

é o Crème n.º 32 d'ORCEL. Amacia e aformoseia a pele, dando-lhe frescura e aveludado persistentes. É insubstituível para evitar a **FORMAÇÃO DAS RUGAS**. Não faz crescer os pelos como sucede com a maioria dos Crèmes. — Preço 9\$00 esc., pelo correio, 10\$00.

CRÈME IMPÉRIA D'ORCEL
PARA FIXAR O PÓ D'ARROZ

Não intóxica a pele, nem a faz
lúrida e untuosa

SUPERIOR AOS MELHORES

Preço 10\$00 esc.; pelo correio 11\$00

LABORATÓRIO ORCEL — Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º — Lisboa

OS CONCURSOS DA VOGA

AS NOSSAS LEITORAS E ASSINANTES

CONCURSO DA BELEZA INFANTIL

Tem obtido um êxito fóra de toda a expectativa o concurso que *Voga*, semanário ilustrado da mulher, abriu entre as suas leitoras e assinantes, afluindo constantemente à nossa redacção retratos e mais retratos de lindíssimos bebés. Como desejamos que todas as nossas queridas leitoras e assinantes possam concorrer, aqui apresentamos de novo as condições do concurso em questão.

Atendendo, porém, a que motivos imperiosos e que noutra página deixamos expostos, nos forcamos a adiar a abertura do *Salão da Elegância Feminina e Artes Decorativas*, e não urgindo, portanto, apertar o prazo concedido para a remessa das fotos dos bebés das nossas queridas leitoras, resolvemos por isso ampliar o dito prazo conforme abaixo vai indicado.

1.ª Para admissão ao Concurso da Beleza Infantil o bebé deverá **SER FILHO DE UMA ASSINANTE**. Serão igualmente admitidos a concorrer todos os bebés cujas mães ou pais se inscreveram como nossos assinantes.

2.ª Não terá idade superior a oito anos.

As fotografias — que deverão ser muito nítidas — têm de estar nesta redacção até ao dia 31 do próximo mês de Maio, findo o qual mais nenhuma será admitida. Um júri expressamente convidado pela *Voga* escolherá, dentre todas as fotografias enviadas, dez que apresentem autênticos modelos de beleza infantil. Esses dez retratos serão depois publicados (sem nomes, para não haver influências de espécie alguma) no número do dia 10 de Junho, ocupando uma página inteira deste semanário para que as nossas leitoras e assinantes se pronunciem acerca de 4 dos retratos, votando naquelas que se lhes afigurem os mais belos. O resultado da votação será inserido no número da *Voga* que sai a 8 de Julho.

OS PRÉMIOS

Ao primeiro premiado serão entregues os seguintes prémios:

1.º — Todos os livros de literatura infantil editados até então pelas Livrarias Aillaud & Bertrand L.ª, bem como todos os que se publicarem do mesmo género e os quais serão enviados à mãe do 1.º premiado até que este prefaça doze anos.

2.º — Uma assinatura anual da *Voga*.

3.º — O retrato do premiado, grande fotografia de arte.

Ao segundo premiado caberão os seguintes prémios:

1.º — Uma colecção completa da biblioteca infantil editada pelas Livrarias Aillaud & Bertrand L.ª e primorosamente encadernada.

2.º — Uma assinatura anual da *Voga*.

3.º — O retrato do premiado, grande fotografia de arte.

Aos premiados em 3.º e 4.º lugar cabem os seguintes prémios:

1.º — Retrato do premiado, grande fotografia de arte.

2.º — Uma assinatura anual da *Voga*.

As fotos de arte dos 4 premiados serão expostas no

SALÃO DA ELEGANCIA FEMININA E ARTES DECORATIVAS

Que nenhuma das nossas leitoras deixe, pois, de nos enviar os retratos dos seus bebés! Qual delas não terá orgulho em ver, arquivada nas nossas colunas, a figurinha gentil dos seus pequenitos? Qual das nossas assinantes não alimentará a esperança de que os seus bebés sejam os primeiros classificados?

Que todas, pois, concorram ao

CONCURSO DA BELEZA INFANTIL
ABERTO NA **VOGA**
SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER





SUZANA BIANCHETTI

POR J. R. TORRES DE CARVALHO

havia uma torrente. Epstein e o operador, do outro lado do precipício, dizem-lhe: «Pronto. Não se mexa, está muito bem assim.»

No mesmo instante veem a linda Suzana erguer-se, pálida e com uma expressão de terror. Havia lutado cinquenta segundos com a vertigem mas o medo tinha-a feito abandonar o seu posto, vencida e apavorada.

Mas isto não impede que Suzana Bianchetti seja uma grande, uma extraordinária intérprete do écran, talento inteiramente genérico que aborda, com a maior facilidade, toda a classe de papeis e interpreta com a mesma mestria toda a gama dos sentimentos humanos.

Interpretou magistralmente: «Eugénia de Montijo», «Maria Luísa», «Maria Antonieta» e «Catarina II», da Rússia, mas... foi mais bela, mais humana, mais mulher nos filmes «A morta feliz», onde desempenhou o papel de uma humilde camponesa, e «Verdun», de Léon Poirier, onde fez um papel idêntico.

Que mais é preciso para ser grande na arte do cinema do que saber interpretar, com a mesma mestria, o papel de uma rainha ou de uma humilde e graciosa camponesa?!

* *

Vai ser apresentado em breve, em festa de caridade, um curiosíssimo filme português. Chama-se êle *O afilhado de Santo António* e é adaptação dum conto popular, feita pelo ilustre homem de letras e grande poeta Dr. Afonso Lopes Vieira, que dirigirá também o filme, tendo por intérpretes exclusivos crianças das melhores famílias da nossa aristocracia. O operador será Artur Costa de Macedo, um nome já justamente consagrado. Esperamos com ansiedade a sensacional apresentação.

DIZER mais do que se tem dito e escrito acerca desta grande artista francesa de cinematografia é quasi impossível.

Suzana Bianchetti é nos filmes uma rainha e em casa a mais simples e deliciosa das mulheres.

Frequentou o liceu «Racine», onde se distinguiu como a mais desinquieta e turbulenta das alunas.

Teme extraordinariamente a vertigem. Epstein com o seu grupo filmava «Roberto Macário», no vale de «Grésivaudan». Suzana Bianchetti, deitada no solo, representava a viajante ferida e caída na margem de um precipício. Ligada, fortemente, com cordas, deitam-na sobre o rochedo por baixo do qual, a cerca de duzentos metros,

